

**HETEROLOQUIA: O DISCURSO DE JESUS EM CORELAÇÃO COM A POLÍTICA E RELIGIÃO**

Edson Pereira da Silva[[1]](#footnote-1)

**Resumo** Correlacionar a politica e religião a partir do contexto de Jesus numa perspectiva transdisciplinar. No primeiro tópico a correlação será com a democracia atual segundo discurso político e religioso da época de Jesus. Segundo, correlacionar moral e autoridade tendo Jesus como paradigma em relação com a política e religião. Por último, correlacionar o pensamento de Jesus com o pensamento econômico e político atual.

**Introdução**

O texto a seguir busca fazer uma correlação com o contexto político e religioso da época de Jesus. Dentro desta perspectiva faremos uma análise com alguns autores tomando Bruce J. Malina com guia e de forma transdisciplinar relacionar com o tema dentro de três tópicos.

No primeiro tópico a correlação será com democracia atual. Nela o discurso será nosso foco. Dentro de uma perspectiva atual e moderna Alain Tourane será uma ponte do presente, a Modernidade com o passado de Jesus a luz da pesquisa de Malina sobre a o discurso da época de Jesus em que o termo Heteroloquia salta como nossa chave hermenêutica.

No segundo tópico, nossa atenção será voltada para a moral e autoridade em que Jesus é um paradigma e uma contradição para o discurso institucionalizado de sua época. Doutra forma, Cristo era considerado um dissidente, um subversivo, um herege, um pecador, um criminoso e desviado, pelo discurso ideológico e dominante daquela época, seja em seu discurso, ou em sua práxis, como uma *heteroloquia*, para a política, religião e economia vigente do seu contexto. O que contradizia a moral e autoridade em que estavam assentadas seja em sua fundamentação teórica e prática.

Por fim, correlacionar o pensamento econômico com o pensamento do Evangelho de Jesus. Para isso discutiremos assunto a partir do pensamento de Zygmunt Bauman, Paul Tillich e Marx em correlação com o Malina.

**Crítica à democracia moderna**

A democracia é uma palavra que foi construída ao longo da história com uma tríade política emanada da sociedade moderna: liberal, socialista e religiosa. Nestas, a palavra liberdade, justiça e igualdade em todos os aspectos da vida humana seriam finalmente alcançadas. Contudo, o que essa tríade queria do ponto de vista político era apenas ter o poder, o controle em suas mãos.

Desde então eclodiu essa luta política que perdura até a atualidade, no qual o discurso interpretativo dominante tem construído um modelo de indivíduo e sociedade.

Seu objetivo último repousa sobre esse discurso de interpretação e engendramento ideológico, sobre isso Tourane afirma:

É neste nível intermediário, aquele do discurso ideológico dominante, que operam as escolhas intelectuais, que se forjam as condições de comunicação, as quais impõe as regras, concedem um privilégio de escuta a alguns e não a outros, e a as vezes chegam até mesmo a fazer considerar como natural e objetivo aquilo que não é senão o resultado de uma construção da realidade social repousando exclusivamente sobre ela mesma e sobre a importância do seu papel. Esse discurso ideológico é igualmente afastado do poder do Estado, que pode ser autoridade da ciência ou a influência dos intelectuais criativos. Podemos chamar de *discurso interpretativo dominante* este conjunto de representações que constitui uma mediação, mas sobre tudo a construção de uma imagem de conjunto da vida social e da experiência individual (TOURANE, 2009, p. 25).

A liberdade humana, pessoal, individual, hoje, esta condicionada aos ditames de uma democracia, isto é, assentada em uma política, econômica e religiosa que em sua *práxis* mais escraviza do que liberta.

Isto por meio da naturalização da realidade humana, sobre a mediação de um discurso ideológico que tem como objetivo criar “mundo sem atores, dominado por lógicas implacáveis que se infiltram por toda parte, em todas as categorias de conhecimento e da organização social” (TOURANE, 2009, p. 28), em que o sujeito pessoal foi expulso, suas figuras e como ator sócio e histórico, na contemporaneidade, teve a sua morte anunciada:

é nesta sociedade contemporânea na qual foi anunciada tantas vezes a morte do sujeito que este aparece em plena luz [...]. Todas as figuras do sujeito, pelo próprio de serem exteriores ao indivíduo, tem duas faces: aquela do sujeito *universal* fundadora dos direitos, figura velada do sujeito, e o mundo do *sagrado* que esconde a presença do sujeito. Os sistemas religiosos e aqueles que sucedem, as “religiões” de Estado ou do progresso, conservam o sujeito prisioneiro ao enclausura-lo num espaço social que eles controlam [...]. Na sociedade industrial da qual mal acabamos de sair, é a sociedade que ocupa o lugar que tinha sido dos deuses, depois do Estado, e que agora expulsou o sujeito social (TOURANE, 2009, p. 228-229).

A sociedade vive uma democracia nebulosa, estranha, aterradora! O sistema capitalista com suas promessas de uma liberdade econômica e, portanto, uma liberdade em todos os aspectos: é apenas uma faixada, uma cortina de fumaça. Por trás dessa democracia o que se assiste é o terror da fome e da pobreza, e com isso, a violência tem tomado de conta de nossa sociedade. Principalmente naqueles países que ainda o povo amarga os “efeitos” do progresso econômico e político.

Além disso, no Oriente, o desejo, o gosto de vingança e, portanto, de poder, é perceptível, em seus grupos armados que desejam implantar uma teocracia religiosa. Seja internamente, como externamente.

Do ponto de vista externo, é uma resposta, a política econômica do Ocidente que até hoje sofre com a exploração e invasões armadas dessa “democracia” que em nome da paz: busca apenas implantar o seu domínio. Sem falar do problema de Israel com a Palestina que está longe de uma resolução enquanto o ressentimento, a sede de vingança, o ódio, e a inveja, que além de ser uma questão política é profundamente religiosa.

Como dizer que vivemos numa democracia se o ser humano é privado dela. Como podemos acreditar nesta democracia, se ela se restringe apenas a uma classe, um grupo, uma política, uma economia, uma religião?

 A vida humana neste sistema é apenas um meio, um instrumento, um escravo, que deve viver apenas com esta ilusão de liberdade, sob a crença de progresso, avanço, econômico e político. Para alimentar essa ilusão temos todos os instrumentos e agentes responsáveis de criar essa aparência de que estamos no caminho certo...

Os partidos políticos, os meios de comunicação, os jornais, todos a serviço deste sistema, sem falar da religião, que esta como sempre, dos dois lados destes sistemas, contudo, no íntimo seu desejo é ter de volta o controle. Que da mesma forma que o socialismo oferece um paraíso aqui na terra através do seu comunismo; no liberalismo, para ter direito a terra, que “mana leite e mel”, isto é, todos os bens que são oferecidos para o consumo e deleite, tem que abrir mão da sua liberdade pessoal, e se submeter ao trabalho escravo, extenuante e degradante.

Como podemos falar em democracia, se esse *demos*, povo, ser humano, humanidade: é apenas uma massa de manobra, seja do liberalismo, do socialismo e da religião. Como falar em democracia se o poder esta nas mãos de alguns?

Prezo nesse ciclo do tempo: onde passado e futuro se fundem no presente. O que contradiz o ponto de vista de um *telos*, um fim que tem sua origem na religião judaico-cristã e que se consolidou numa forma laica, científica, política e econômica, que desde a sua origem e até o presente, só mudou a forma do discurso.

Discurso este que hoje foi sistematizado com o nome de liberdade, isto em todos os sentidos, de direitos, de uma democracia e igualdade para todos. E como o poeta judeu, podemos afirmar: que não existe nada novo debaixo do sol.

Tudo se repete tudo volta, nada é definido e indefinido o que muda: é percepção de ver o mundo de acordo com as cosmovisões vigentes que em sua maioria é esmagadora e, portanto, de domínio em todas as áreas formadoras das percepções de mundo, criaram em relação ao sentido da vida humana mecanismos: como a religião, a política, e por fim o Estado. Este último aliado ao sistema econômico que mantém este último a custa de seus favores.

Nada é novo! Tudo se repete! A natureza humana é a mesma! E por não se compreender que o problema da humanidade esta nela em si, em decorrência da elaboração desses sistemas, que mesmo com todo discurso institucionalizado, sobre a solução para todos os problemas existenciais da humanidade ruíram em si mesmas, isto é, seus dogmas, sua moralidade. Hoje podemos sentir a podridão que exala com o nome de democracia, ou de forma sofisticada, modernidade.

O ser humano continua alienado de si e, entregue a estes sistemas de mercado, que prometem sentido a vida, a existência humana, e fazendo uso dessa máscara que lhes fora projetada, controlam e submetem a natureza humana, o ser humano, a um tipo de adestramento, como si nele existissem ações, pensamentos corrosivos e destrutivos e, que neste sentido o ser humano, segundo essa percepção, precisa de mediações, como o estado, religião e sociedade, como formadores da cultura e, portanto do ser humano, isso em seu mais auto grau e sentido.

É o que podemos constatar com o pensamento do discurso vigente, atual. Como muito bem tratou Alain Touraine, o sujeito, o ator social, neste caso o ser humano, é fundado no discurso interpretativo e dominante, que é contra a definição do próprio ser humano, sua liberdade e direitos.

 E a razão disto é que o próprio ser humano constitui o próprio inimigo destes sistemas:

O discurso interpretativo dominante não é, pois, um conjunto de ideias vagamente associadas umas às outras; ele é a construção de uma arma voltada contra a definição do ator social como alguém capaz de afirmar-se por si mesmo, e de defender seus direitos enquanto finalidade principal de sua própria ação [...] Trata-se de uma contracorrente, de uma resistência à corrente que naturalmente deveria ser a mais forte, que é a afirmação do sujeito. Se todos os lados, busca-se eliminar o ator e seu apelo por liberdade e direitos, é porque ele representa o pior inimigo de todos os sistemas de poder. Nenhum poder deve crer-se inteiramente repousado no consentimento. O poder não se sente seguro a não ser falando em nome de uma necessidade, quer esta se refira as leis econômicas ou ao destino de um povo (TOURAINE, 2009, p. 47).

Isto nos leva a seguinte conclusão, ou hipótese: a primeira, do ponto de vista de uma análise da sociedade, é que todos os sistemas até agora construídos foram à causa de toda forma de alienação daquilo que denominamos de ser humano, sujeito, pessoa, indivíduo, etc. Os seu direito a liberdade, foi sempre restringido, condicionado, mediado e, por tanto, nunca teve uma liberdade plena, pois esta sempre foi condicionada por sistemas. E, portanto, podemos afirmar, segundo Touraine:

O que existia de mais profundo no pensamento social que herdamos era a convicção positivista de que a Modernidade significa a eliminação não somente das expressões religiosas, mas inclusive de todas as funções necessárias e indispensáveis para a vida social, para a sobrevivência, e para evolução. Nenhuma destas finalidades faz intervir o menor elemento de construção do indivíduo por si mesmo como ser livre (TOURAINE).

Do ponto de vista religioso temos a segunda hipótese, atrelada à primeira, de que a religião como sistema, é uma contradição contra o próprio individuo, pois o limita e o aliena. O dogma como mediador entre o ser humano e o divino, condena o indivíduo, seja do ponto de vista político, econômico e religioso, quando não age em sua função.

Para fundamentar nossa segunda hipótese, a análise de Malina dentro deste contexto é fundamental. No que se refere ao problema relacionado aos sistemas. Dentro de uma perspectiva sociológica da religião, do evangelho proclamado de Jesus e, o autor nos faz enxergar e analisar esta problemática, do ponto de vista politico, religioso, econômico e social no qual o sujeito está em efetivação foi uma completa ruptura contra qualquer sistema, seja ele religioso, político, econômico, e social.

Era a proclamação do evangelho subordinado a uma teocracia, que na política se refere a um Estado, nação, sociedade e indivíduos governados, regidos por uma Divindade. Sobre Jesus e seu evangelho do reino, ele afirma:

A proclamação de Jesus a respeito do reino de Deus, uma teocracia envolvendo religião política bem como economia política, envolvendo o governo de Deus. Mas n tradição de Jesus, o Deus de Israel não era um monarca, mais sim um patrono. Atitude de Jesus com respeito a Deus como Pai era uma resposta/solução para que tipo de questão/problema/situação? A resposta: para uma situação que requer patronagem. Deus é e será Pai. Como tem sido demostrando por James Barr (1988), a palavra aramaica ’*Abba* não significa “paizinho”, como no hebraico moderno. Tanto na tradução do Novo Testamento (’ *Abba* = *ho Pater*; Mc 14, 36; Rm 8, 15; Gl 4, 6) quanto a partir da construção gramatical ’*Abba* significa pai, um termo de respeito e de honra. No patriarcado, ele implica também uma distância. Deus não é um paizinho, mas um patrono. Na religião pregada por Jesus, o Deus de Israel é o patrono de Israel. Proclamando o reino de Deus e Deus como patrono, Jesus estava apresentando soluções para os problemas sociais existentes. O reino Deus dominaria sobre as difundidas doenças geradas pelo mau funcionamento ou não-funcionamento do sistema político. A mensagem de Jesus constrangia os israelitas a suportar o presente e olhar em frente para o que estava vindo: uma nova teocracia política na qual Deus seria o patrono de Israel (MALINA, 2004, p. 146-147).

Contudo, nossa análise não será sobre a proclamação desse evangelho e suas implicações, mas sobre a reação do Estado e da religião vigente daquela época que traduz perfeitamente: a violência instituída e impetrada pela religião e pelo estado sobre Jesus em todas as formas, em decorrência de sua crítica aos sistemas políticos, econômicos, sociais e religiosos.

Jesus dentro do contexto político, jurídico e religioso foi considerado um bandido, um blasfemo, inimigo de Deus, da política, do estado e da religião oficial. O que posteriormente o cristianismo aliado à política, a economia fez em relação àqueles que não se submeteram aos seus dogmas.

Sobre essa violência instituída encontramos pelos menos três formas: a primeira para manter o equilíbrio da sociedade. “Esta é a visão da “lei e da ordem”. A violência surge para manter o *status quo* contra criminosos e pecadores” (MALINA, 2004, p. 57); a segunda visa à manutenção dos sistemas, isto é, dos seus interesses, seus benefícios e por isso, a violência instituída busca controlar aqueles que se constituem uma ameaça para seus interesses. “Nesta perspectiva, a violência instituída, defende o *status quo* contra todos os desviantes e os subversivos” (MALINA, 2004, p. 57); por fim, a violência instituída se traduz também na forma de comunicação como uma resposta em forma de ultraje em relação àquilo que é dito ou realizado como um ato. Neste sentido, a “violência instituída é direcionada para a restauração do *status quo* contra dissidentes e heréticos” (MALINA, 2004, p. 57).

Estas três formas de violência podem ser observadas na forma como estes sistemas trataram Jesus, e demonstra a forma como o indivíduo é caracterizado quando não se amolda aos seus pressupostos políticos, econômicos e religiosos vigentes.

Podemos citar exemplos deste tipo de violência: na condenação das seitas cristãs e religiões, consideradas heréticas e pagãs pelos primeiros cristãos; nas inquisições do Catolicismo Romano; na Reforma Protestante com Lutero e Calvino; na Revolução Francesa; no comunismo e capitalismo; no colonialismo e totalitarismo; nos fundamentalismos em todas as suas formas.

Neste contexto a palavra dissidência torna-se fundamental numa perspectiva simbólica. A expressão no qual o discurso e comportamento, apontam para o uso desse termo.

É sobre esta questão que trata a religião política – uma religião presente na instituição política [...]. E a ferramenta principal usada por esses dissidentes era o discurso, atos comunicativos num sentido amplo [...]. O dissidente é visto pelo sistema como um desafiador do dominante monopólio da interpretação da realidade do seu grupo. Seu desafio consiste em articular outra interpretação da realidade, em termos da mesma premissa partilhada pelo grupo. Essa articulação pode ser chamada de “heteroloquia” (depois dos padrões de heterodoxia e heteropraxia). Heteroloquia é um modo dissidente de falar sobre eventos e processos [...]. Nesta perspectiva, “heteroloquia” é qualquer forma de falar que desconstrói, ou, no mínimo, ameaça um modo de falar institucionalizado [...]. Dissidência, como minas declarações indicam, é, em essência, um fenômeno semiótico empregando sinais significativos que resultam na desorientação cognitiva dos verdadeiros fiéis (MALLINA, 2004, p. 66-67).

O discurso em sua forma institucionalizada é tendente a torna-se uma ideologia. E no discurso no qual visa ter o monopólio a respeito das questões relacionadas a conflitos e valores sociais. E para isso, a *ortoloquia*, em sua forma falada ou escrita, é a linguagem pela qual a ideologia dominante ergue, tanto em sua forma oral como escrita, em forma de conceitos, no qual a ortodoxia e ortopraxia estabelecem seu domínio e controle.

É dentro desta perspectiva que o discurso de Jesus foi considerado dissidente e subversivo – heteroloquia. “Heteroloquia traz implicações possíveis para o desvio na ideologia partilhada. Declarações dissidentes são sempre baseadas no discurso dominante, ainda que levem as consequências bem diferentes daqueles que a nossa fé nos levasse a esperar” (MALINA, 2004, p. 69). É em decorrência de suas declarações contra o discurso e doutrina dominante, ortodoxia e sua prática, ortopraxia pela qual Jesus foi acusado de dissidente, de heteroloquia.

**Crítica à autoridade moral**

Depois que todas as instituições do Estado perderam sua autoridade, isso em todos os sentidos: com destaque para o cristianismo – neste, esta o fundamento da moralidade Ocidental e, portanto, brasileira - que depois de ruir sua moral, logo sua autoridade e, por consequência desta, as demais instituições foram minadas.

Por isso, que hoje vivemos uma caça às bruxas: assim como a igreja, o estado e a polícia exercem um papel de vigilantes: isto é, fazer com que todos obedeçam às leis e, a moral vigente. E daí manter a coesão social – fazer a sociedade viver dentro das normas e padrões estabelecidos.

Sobre este estado atual, no qual os sistemas ruíram, isto é, sua autoridade, no qual a modernidade se dá esse processo de alienação, nos quais a morte, violência, pobreza e destruição e fragmentação de todos os valores estabelecidos, por estes sistemas desabaram, em seus projetos.

O discurso na ideia de idade adulta e autonomia da razão elaborada pelo Iluminismo em seu programa humanista de educação; a revolução Francesa, neste quesito, sobre emancipação humana, cidadania e direitos universais; a economia capitalista, com a promessa de oferecer riquezas para todos; o socialismo, que tem sua plenitude no comunismo no qual todas as formas de alienação humana seriam superadas; e por fim, o cristianismo, na pregação do evangelho.

 Sobre situação de fragmentação e dissolução de todos os valores advindos desses sistemas de alienação, Leonardo Boff, afirma:

Dessa situação resulta a fragmentação de tudo, a dissolução de qualquer cânon, a carnavalização das coisas consideradas sagradas, ironização das grandes convicções, a permanente crise de identidade, a renúncia a qualquer profundidade, denunciada como metafísica, como essencialismo, a destruição das razões de qualquer compromisso fundamental. Desaparece o horizonte utópico, sem o qual nenhuma sociedade pode viver e nenhum compromisso humano ganha significação e sustentação (BOFF, 200, p. 23).

E hoje é o contrário que acontece. Com a perda desta autoridade, que emana da moral cristã, significa dizer que as demais foram enfraquecidas, em nosso caso, o Estado: e aqueles que são os seus guardiões por causa dos seus valores afirmados.

E como é visível e papável, em todo esse mundo afora, o progresso que tanto se afirmava: principalmente com a democracia de valores "cristãos" – trouxe mais guerra do que paz; mas insegurança do que segurança; mais doenças do que saúde; mas injustiça do que justiça; mais criminalidade; mais fanatismo; mais roubos, etc. Uma hipocrisia que a denomino de institucionalizada. Interessante e contraditório, um sábio judeu disse no livro de Eclesiastes “que não existe nada novo debaixo do sol”. Ou seja, desde que gente é gente, e aplicando a nossa questão: o mundo foi sempre corrompido, e o os seres humanos, são todos corruptos e corruptores.

Por isso, que toda a sociedade desconfia (só não aprenderam a desconfiar de si) destas instituições, elas são o contrário do que dizem, e daí esta sua falta de autoridade. O que contrasta com Jesus, em sua efetivação, como sujeito na história. Neste sentido, Jesus, como o novo Adão, o Novo Ser, no qual pela linguagem mítica é simbolizado em sua morte e ressurreição, como ilustra o apóstolo Paulo, em sua segunda missiva aos coríntios, no qual todo ser humano é representado. É o que afirma Armstrong:

São Paulo fez o mesmo com Jesus. Ele não se interessava muito pelos ensinamentos de Jesus, que raramente cita, ou pelos eventos de sua vida terrena. “E se todavia temos conhecido a Cristo segundo a carne”, escreveu na segunda Epístola aos Coríntios, “agora, porém, já não conhecemos assim.” O mais importante era o “mistério” (palavra que possui a mesma raiz etimológica do termo *mythos*) de sua morte e ressureição. Paulo transformou Jesus no herói mítico intemporal que morre e volta para uma nova vida [...]. Os cristãos não o conheciam mais “segundo a carne”, e o encontrariam em outros seres humanos, no estudo das escrituras e na Eucaristia. Eles sabiam que o mito era verdadeiro, não por causa de sua evidência histórica, mas sim porque haviam experimentado a transformação. Portanto, a morte e a “ressurreição” de Jesus eram um mito: ocorrera uma vez a Jesus, e agora acontecia o tempo inteiro (ARMSTRONG, 2005, p. 91-92).

Neste sentindo, Cristo, simboliza a própria humanidade, tanto em sua forma individual, social e cósmica. Nele, a imagens do ser humano como indivíduo em sua efetivação histórica é uma imagem típica do sujeito.

Os resistentes e dissidentes conscientes do seu direito a liberdade em seu sentido mais amplo, se contrapõe a toda autoridade constituída nos quais estas formas de resistência e dissidência, por meio “destas condutas que ultrapassam a coragem, que reconhecem os deveres em relação às vítimas da violência ou da injustiça, mesmo quando a lei e o costume não lhes exigem tão grandes sacrifícios” (TOURANE, 2009, p. 164).

Dentro deste contexto, Cristo era considerado um dissidente, um subversivo, um herege, um pecador, um criminoso e desviado, pelo discurso ideológico e dominante daquela época, seja em seu discurso, ou em sua práxis, como uma *heteroloquia*, para a política, religião e economia, no qual a moral e autoridade vigente estavam assentadas em sua fundamentação teórica e prática.

 É dentro deste contexto que a violência instituída, isto é, o vigilantismo que buscava defender ou restaurar seu *status quo*, isto é, a posição social destes vigilantes.

A violência instituída pode ser vista naquele contexto de três maneiras:

Primeiro, ela pode ser considerada um procedimento para manter o equilíbrio societário. Esta é a visão da “lei e da ordem” [...]. Segundo, a violência estabelecida pode ser considerada um processo por meio do qual o empreendimento moral busca defender seus interesses, exercendo controle sobre aqueles que ameaçam esses interesses (= manutenção do benefício) [...]. Finalmente, a violência instituída, pode ser considerada uma forma de comunicação pela qual as pessoas respondem com ultraje ao que outras dizem em palavra ou ato. (MALINA, 2004, p. 57).

No primeiro caso, a violência instituída visava manter sua condição social, *status quo*, em contraposição àqueles que eram considerados criminosos e pecadores. No segundo, visava defender seu *status quo*, daqueles que eram considerados desviantes e subversivos. Por último, era direcionada para a restauração do *status quo*, em oposição aos dissidentes e heréticos. Nos três casos Jesus é considerado criminoso, pecador, desviado, subversivo, dissidente e herege.

Como criminoso, dentro desta perspectiva os “hierosolomitas teriam crucificado o criminoso Jesus, por exemplo, a fim de manter a ordem em sua cidade e região, em seu próprio benefício” (MALINA, 2004, p. 57). No segundo, para as autoridades de Jerusalém, encontraram “o desviante Jesus advogando um programa subversivo que deslocaria seus interesses: político, de parentesco no grupo, religioso-político e econômico-político (MALINA, 2004, p. 57). Terceiro, “Jesus teria sido como um adulterador do discurso normativo de Israel e das linhas de pureza que esse discurso requer. Como herético, Jesus, negava o sistema que provia significado para a maioria dos judeus e hierosolomitas” (MALINA, 2004, p. 57).

Vou dar-lhes um exemplo do que é autoridade, esta se apresenta no Evangelho de Mateus, sobre Cristo, aquele que segundo dizem é o verdadeiro fundamento da cristandade. E daí, podemos concluir o porquê da nossa situação atual, e ouvir direta e indiretamente, do povo, o brado: estes sistemas atuais e morais ruíram, isto é, perderam sua autoridade. E no Evangelho de Mateus 7.28-29, o povo dizendo o que é um homem (Jesus) de autoridade.

A passagem diz o seguinte: “Aconteceu que ao terminar Jesus essas palavras, as multidões ficaram extasiadas com o seu ensinamento, porque as ensinava com autoridade e não como o seus escribas”. (BÍBLIA, 2008, p. 1716).

Algumas coisas chamam a atenção do narrador nesta passagem: a primeira, a reação da multidão, elas ficaram impressionadas com a sua doutrina; a segunda, a causa dessa reação, seu ensino e, portanto, o seu poder que residia justamente na autoridade daquele, ou através de quem a doutrina era ensinada; terceira, o fracasso da doutrina dos mestres da religião judaica, e o motivo era justamente aquilo que Jesus tinha, e a eles, faltava – autoridade. Dentro deste contexto, podemos na linguagem poética afirmar:

Com utopias castradoras,

Controlam e massificam indivíduos,

Tornando-os subservientes,

Com a alcunha da igualdade.

E em nome de ideologias criadas,

Formam hermenêuticas “científicas”

Para atestar e confirmar:

Suas crenças envaidecidas.

Não foi sem razão que os denominados mestres da suspeita, foram tão críticos com a moral cristã e, por consequência, com as demais instituições em decorrência da sua fraqueza e hipocrisia moral em todas as esferas: individual, social, psicológica, religiosa e da vida. E a forma de transcender esta moral e valores vigentes foi à elaboração de sistemas que pudessem atender e concomitantemente superar a moral cristã e as instituições por ela afetadas.

**Crítica ao sistema econômico**

Um dos grandes pecados e o consequente estado de alienação do capitalismo econômico é: tornar esse sistema como condição natural para a existência humana em seu sentido último. Vem-me na mente aquela pergunta: o que veio primeiro, o ovo, ou galinha? Neste caso eu não tenho a reposta. Mas sobre o sistema capitalista e o ser humano tenho a resposta. Este último veio primeiro e é ele o criador do primeiro, não como sua natureza, essência – mas como condição existencial. Neste sentido o dinheiro, a troca, o comércio surgiu em função do homem como um meio de subsistência, de aquisição, satisfação, contentamento, etc., e não como um fim mesmo.

 Quando o sistema capitalista com sua falácia relacionada: de progresso, de riqueza, de liberdade, de segurança, de igualdade, de realização, e meio de satisfação plena da existência humana que podemos traduzir como a realização suprema e última – a felicidade, não passa de uma mentira descarada e hipócrita (assim como o sistema socialista de sociedade).

Contudo, a sedução de riqueza (não que a riqueza seja um mal em si, em seu sentido) é uma isca que todo ser humano em nossa sociedade é tentado, porém, por trás desse pensamento, tem uma lógica, implica na criação de uma necessidade constante de produção, de lucro, de acumulo de capital no qual o dinheiro é esse novo deus.

O dinheiro, hoje se constitui, segundo a lógica econômica do capitalismo, o meio, a forma de você alcançar uma vida plena. Isso se explica, porque quanto mais dinheiro você acumular, mais poder e controle você terá, culminando naquilo que poderíamos chamar da lâmpada mágica existencial, que basta desejar o que quer e esfregar a lâmpada, e o gênio da lâmpada (o dinheiro) sairá e realizará todos os seus desejos, sonhos, fantasias e ideais.

Essa lógica é o que domina atualmente a política, o estado, a guerra, a economia, a ciência, a educação e algumas religiões. Quem mais dinheiro possui: mais poder, controle e domínio terá em todas as dimensões relacionadas à vida humana.

É no mercado de consumo onde os bens são apresentados como meios no qual o objetivo é criar mais e mais necessidades e desejos nos seres humanos em todas as suas formas e dimensões. O ser humano, nesta condição torna-se egoísta: o outro, o mundo a sua volta, a natureza, etc., é irrelevante, a cobiça de riqueza e poder, não são da essência da riqueza e felicidade humana em si. No novo testamento encontramos esse pensamento no qual é denominado de avareza, isto é, o acúmulo de riqueza:

O objetivo da riqueza é suprir as necessidades da vida humana. Ela deve ser usada com o contentamento e satisfação. Consequentemente, riqueza é simplesmente um fim, outro meio de adquirir e manter a honra. Quando a aquisição de riqueza é um fim, não o meio, então a pessoa dedicada à aquisição de riqueza é naturalmente louca, cruel e má (MALINA, 2004, p. 110).

 Hoje, como consequência ocorre uma adiaforização do mercado de consumo moderno nas relações humanas dentro sociedade capitalista. Bauman afirma:

O mercado de consumo tomou conta da burocracia sólido- moderna a tarefa de adiaforização, de extrair o veneno do “ser para” da carga impulsionadora do “ser com”. Exatamente como Emanuel Levinas vislumbrou ao refletir que, em vez de ser um dispositivo destinado a tornar acessível o convívio humano pacífico e amigável a egoístas natos (como sugeriu Hobbes), a “sociedade” pode ser um estratagema para tornar acessível a seres humanos endemicamente morais a uma vida auto-centrada, auto-referêncial e egoísta – embora cortando, neutralizando ou silenciando aquela assustadora “responsabilidade pelo Outro” que nasce cada vez que a face desse Outro aparece; uma responsabilidade de fato inseparável do convívio humano (BAUMAN, 2008, p. 68-69).

Marx percebeu isso de forma clara na sua época, e ironizou quando fez sua crítica ao sistema político econômico, buscando em analogia com a poesia de Goethe, e com voz profética (Tillich), ou como um hierofante da deusa Fortuna, aponta o dinheiro como uma força ambígua em que a humanidade é unida e dividida:

[...] Se o dinheiro é o vínculo que me liga à vida humana, que liga a sociedade a mim, que me une a natureza e ao homem, não será ele o laço de todos os laços. Não será ele, portanto, o meio universal de separação? Constitui o verdadeiro meio de separação e união, a força galvano-química da sociedade. (MARX, 2013, p.169).

No capitalismo, o ganho, o lucro e o acumulo de dinheiro é chave para tudo. Se for feio, o dinheiro, o torna bonito; se é corrupto, o dinheiro, o torna incorruptível; se é burro, o dinheiro, torna-o inteligente; se é sem caráter moral, o dinheiro, o beatifica; se é injusto, o dinheiro, o torna justo, etc. Para Epicuro, no qual os elementos do seu materialismo (átomos) tem influência no pensamento marxiano, sobre esse assunto, disse a seguinte afirmação: “A riqueza exigida pela natureza é limitada e facilmente arranjada; aquela, pelo contrário, que ambicionamos possuir num tolo desejo, chega ao infinito” (EPICURO, 2005, p.64).

Atualmente a sociedade vive em função do dinheiro, pois a crença, ou discurso dominante, é que: só o dinheiro como um fim, pode dar ao ser humano uma vida plena. Podemos denominar esse pensamento, de um mito moderno, no qual a felicidade humana esta condicionada ao dinheiro, como uma divindade, como no Evangelho de Mateus, chamado de Mamon.

Sobre esse gênio da lâmpada mágica no qual a felicidade está vinculada, ele não deve ser visto como um fim, mais um meio para vida humana, no qual a felicidade como condição atual e histórica está relacionada, e devido à ambiguidade das relações, elas independem, neste caso, a felicidade, em relação ao dinheiro.

Essa crença, por mais maquiada que seja pelos meios de comunicação, pela política e economia vigente, como a única forma de salvar a humanidade de todos os seus problemas, não passa de uma ilusão, de um discurso, cujo objetivo é controlar e dominar a vida humana em todos os seus aspectos, de tal forma que este modelo, se torne uma coisa natural, inerente, como condição única e plena para existência humana, como é evidenciado na lógica de consumo atual em que o ser humano tornou-se um objeto, uma coisa, uma mercadoria exposta ao mercado para ser vendido, em que suas condições existenciais estão condicionadas.

 Sobre isso muito bem descreveu Bauman, quando afirma:

*Os membros da sociedade de consumidores atual são eles próprios mercadorias de consumo*, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. Torna-se e continuar sendo uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupação, mesmo que em geral latente e quase nunca consciente [...]. “Fazer de si mesmo uma mercadoria vendável” é um trabalho do tipo faça-você-mesmo e um dever individual. Observemos: *fazer* de si mesmo, não apenas *tornar-se*, é o desafio e a tarefa cumprida (BAUMAN, 2008, p. 76).

Ora, como pode o criador ser dominado pela sua criação? Numa linguagem teológica como Deus pode torna-se criatura e criatura torna-se Criador? Portanto, como o dinheiro, que é apenas um meio criado pelo ser humano para atender suas necessidades, pode ocupar o lugar do ser humano e fazer do ser humano um meio, um objeto, uma coisa, que agora pode ser adquirida, isto é, *comprada*.

Por isso, neste sistema vinga essa máxima: todo homem tem seu preço. O ser humano que não pode ser comprado, calculado, medido é agora: uma moeda, uma mercadoria, um objeto que tem um preço, um valor estabelecido segundo o mercado econômico. Deixa de ser *sujeito* e passa a ser *objeto*, e o dinheiro que é objeto, passa a ser sujeito.

Ainda segundo Bauman em que investir no consumo aos moldes do mercado econômico é a *conditio* *sine qua non* do ser humano para sua valorização social e autoestima individual, nesta perspectiva:

O objetivo crucial, talvez decisivo, do consumo na sociedade de consumidores (mesmo que raras vezes declarado com tantas palavras e ainda com menos frequência debatido em público) não é a satisfação de necessidades, desejos e vontade, comodificação ou recomodificação do consumidor: *elevar a comodificação dos consumidores à mercadorias vendáveis*. É, uma última instância, por essa razão que passar o no teste do consumidor é condição inegociável para a admissão na sociedade que foi remodelada à semelhança do mercado (BAUMAN, 2008, p. 76).

 O ser humano pleno, livre, é aquele que cria (*poiesis*) objetos, coisas, que em sua função, visa ajudar o ser humano em sua efetivação na relação com outro, com a natureza, e todo o Universo. E assim como numa caixa de ferramentas em que cada ferramenta é utilizada para um fim específico, o dinheiro, tem o seu.

No sistema capitalista, o objetivo é criar mais e mais necessidades nos seres humanos de todas as formas, e o dinheiro, é esse gênio, onde Aladim (ser humano) encontra todas as suas realizações, isto é, vida plena.

**Considerações quem não se esgotam si...**

Conforme o que foi exposto na temática ela é atual e relevante para o pensamento político e religioso. Primeiro a democracia atual é condicionada e condiciona a vida dos seres humanos. Para isso seu discurso na forma institucionalizada busca seja na sua forma política e religiosa condicionar e influenciar os seres humanos em sua construção da realidade. Logo todo discurso contrário como foi o caso de Jesus se constitui heteroloquia.

No que se refere a moral, Jesus era considerado um dissidente, um subversivo, um herege, um pecador, um criminoso e desviado, pelo discurso ideológico e dominante daquela época. Isso naquilo que estava relacionado para a política, religião e economia, na qual a moral e autoridade vigente estavam assentadas tanto na teoria como prática.

Por fim, hoje o dinheiro se constitui, segundo a lógica econômica do capitalismo um meio, a forma de você alcançar uma vida plena. Quanto mais dinheiro você acumular, mais poder e controle você terá. Poderíamos chamar de lâmpada mágica existencial: basta desejar o que quer e esfregar a lâmpada e o gênio da lâmpada (o dinheiro) realizará todos os seus ideais.

**Referências**

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2008.

BOFF, Leonardo. **A voz do arco-íris**. Brasília: Letraviva, 2000.

EPICURO. **Pensamentos**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MALINA, Bruce J. **O Evangelho de Jesus – O reino de Deus em perspectiva mediterrânea**. São Paulo: Paulus, 2004.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

TILLICH, Paul. **Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX**. 2ª ed. São Paulo: ASTE, 2004.

TOURAINE, Alain. **Pensar outramente o discurso interpretativo dominante**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

1. Formado em Teologia pela (UMESP), Pedagogia pela UNOPAR e mestrando em Ciências da Religião pela UNICAP, edson.cienciasdasreligioes@gmail.com . [↑](#footnote-ref-1)